

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS

THAÍS LEILANE LEITE

**VIVÊNCIAS TEATRAIS COM CONTOS DE FADAS:
UMA EXPERIÊNCIA QUE COMPREENDE A ÉTICA**

Florianópolis, 17 de outubro de 2014.

THAÍS LEILANE LEITE

**VIVÊNCIAS TEATRAIS COM CONTOS DE FADAS:
UMA EXPERIÊNCIA QUE COMPREENDE A ÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Artes Cênicas. Sob a orientação da Professora Maria de Fátima Sousa Moretti.

Florianópolis, 2014

THAÍS LEILANE LEITE

**VIVÊNCIAS TEATRAIS COM CONTOS DE FADAS:
UMA EXPERIÊNCIA QUE COMPREENDE A ÉTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Artes Cênicas. Sob a orientação da Professora Maria de Fátima Sousa Moretti.

Professora Dr^a Maria de Fátima de Souza Moretti
Presidente da Banca - Orientadora

Professora Dr^a Cynthia Valente
Membro

Professora Dr^a Elisana de Carli
Membro

Florianópolis, SC, 17 de outubro de 2014

*Dedico este trabalho a todos que
contribuíram direta ou indiretamente em
minha formação acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos que contribuíram no decorrer

desta jornada, em especial:

À grande força do Universo, Deus, e à mãe Terra

a quem devo minha existência.

A minha família que sempre me apoiou nestes

estudos e em todas as escolhas e decisões tomadas.

A orientadora Prof.^a Maria de Fátima Souza Moretti

que teve o papel fundamental na

elaboração e inspiração deste trabalho.

Aos todos os meus irmãos pelo companheirismo, amor, compreensão e

disponibilidade para me auxiliar em vários

momentos.

E a todas as crianças do universo as quais,

com sua simplicidade e amor, transformarão este mundo.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a importância dos contos de fadas e suas mensagens, por trazerem às crianças a possibilidade de compreensão e integração da ética, a qual também está presente nas lendas, mitos, fábulas, etc. de todos os tempos, por ambos conterem material arquetípico. Será exposta a análise de uma pesquisa prática realizada com algumas crianças, apresentamos a elas alguns contos de fadas e possibilitamos que experimentassem estes contos de forma artística, livre com teatro de bonecos, pinturas, modelagem, representação com fantasias, brincadeiras, cantos, etc.

Palavras chaves: contos de fadas, ética, teatro, arquétipos, vivências artísticas.

ABSTRACT

This is a survey that addresses the importance of fairy tales and their messages for bringing children the opportunity of understanding and application of ethics, by both contain archetypal material. The analysis of a practical survey of some children, which we present to them some fairy tales and we enable them to experience these tales free art form with puppetry, painting, modeling, representation fantasies, plays, songs will be exposed, etc.

Keywords: fairy tales , ethics, theater, archetypes , artistic experiences .

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Teatro de Mesa preparado para o conto <i>Roda da Lagarta</i>	27
Figura 2 - Borboleta confeccionada com as crianças.	27
Figura 3 - Vivência com aquarela após o conto <i>Roda da Lagarta</i>	28
Figura 4 - Crianças ‘brincando de casulo’ na rede.	28
Figura 5 - Teatro de Bonecos do conto folclórico <i>Boi de Mamão</i>	37
Figura 6 - Representando a Bernunça com o tecido.	38
Figura 7 - Experimentando o teatro de bonecos	38
Figura 8 - Fazendo arte no ovo.	41
Figura 9 - Colheita das cenouras	41
Figura 10 - Teatro de objetos do conto <i>A lenda da vitória régia</i>	43
Figura 11 - Teatro de sombras do conto <i>A Lenda da Vitória Régia</i>	44
Figura 12 - Vivência com aquarela referente ao conto <i>A Lenda da Vitória Régia</i>	44
Figura 13 - Experimentando o teatro de sombras do conto <i>A Lenda da Vitória Régia</i>	45
Figura 14 - Teatro de mesa do conto <i>O Rei Feliz</i>	48
Figura 15 – Crianças experimentando teatro de bonecos e objetos do conto <i>O Rei Feliz</i>	49
Figura 16 - Gorros produzidos para as vivências do conto <i>O Rei Feliz</i>	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	EDUCAÇÃO E ÉTICA	12
3	LENDAS, MITOS E SUA SIMBOLOGIA	14
4	CONTOS DE FADAS	17
4.2	A ESCOLHA DO CONTO DE FADAS	19
4.3	DAS VIVÊNCIAS	20
5	CONTANDO HISTÓRIAS	22
5.2	RODA DA LAGARTA	25
5.2.1	Da Simbologia	26
5.2.2	Da Contação	26
5.2.3	Das Vivências Artísticas	28
5.2.4	Das Percepções	29
5.3	BOI DE MAMÃO	29
5.3.1	Da Simbologia	36
5.3.2	Da Contação	37
5.3.3	Das Vivências Artísticas	38
5.3.4	Das Percepções	39
5.4	O COELHO E O OVO DA PÁSCOA	39
5.4.1	Da Simbologia	39
5.4.2	Das Vivências Artísticas	40
5.4.3	Das Percepções	41
5.5	A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA	42
5.5.1	Da Simbologia	42
5.5.2	Da Contação	43
5.5.3	Das Vivências	44
5.5.4	Das Percepções	45
5.6	O REI FELIZ	45
5.6.1	Da Simbologia	47
5.6.2	Da Contação	48
5.6.3	Das Vivências Artísticas	49
5.6.4	Das Percepções	50
6	CONCLUSÃO	51

1 INTRODUÇÃO

Num passado não tão distante, cerca de 100 anos atrás, ainda existia o costume de se contar histórias para as crianças. O que vem a nossa imaginação, é a imagem da vovó sentada em sua cadeira de balanço lendo um conto de fadas para seu neto, que ouve deitado no tapete da sala. Antigamente os contos eram bastante vivenciados em casa, com a família, mas com a invenção da televisão e outras tecnologias, esse hábito tem sido deixado de lado. Hoje, o pouco que a maioria das crianças conhece destes contos, são aqueles mais famosos, os quais elas assistem em filmes de animação.

Sueli Pecci Passerini, uma grande pesquisadora na área dos contos de fadas e da contação de história, ressalta a importância e o impacto dos contos de fadas na formação da criança:

A nosso ver, tal prática constitui, entre outras coisas, o resgate da rica cultura de tradição oral e a forte possibilidade de estruturar um vínculo significativo entre educador e educando, mas principalmente a formação da individualidade, nos aspectos, ético e moral (PASSERINI, 1998, p. 26).

Mas essa prática vai além destes impactos. Há nos contos de fadas mensagens muito profundas que estão repletas de significados arquetípicos, assim como também em outras lendas e mitos. A mensagem destas histórias contém um simbolismo muito simples e por isso são bem compreendidas pelas crianças. Portanto, contar histórias às crianças é de extrema importância, pois, como afirma a autora, ajudam no desenvolvimento ético daqueles que as escutam.

O que se entende por ética? Como levar estes contos de fadas tão importantes às crianças, de modo que elas se interessem mais do que se interessam por filmes e imagens prontas? Como auxiliá-las a vivenciar estas histórias de modo que absorvam profundamente estas mensagens?

O brincar é o mesmo que representar dramaticamente. A diferença entre o ator no palco e a criança que brinca é apenas o público. Portanto, permitindo que elas vivenciem os contos que lhes são apresentados, com brincadeiras e representações livres à sua maneira, como teatro, pintura, cantos, dança etc., pode-se propiciar a elas um interesse maior pelo conto e a absorção profunda deste pelo seu inconsciente.

Buscaremos aqui destacar a importância dos contos de fadas, essas histórias tão profundas que têm estado tão desvalorizadas no presente momento pelo fato de não compreendermos o seu real valor. Faremos uma consideração sobre a educação, a ética, as religiões e o que há em comum entre elas e os contos de fadas. Depois, descreveremos as experiências e as percepções referentes ao projeto “Jardim de Luz”, no qual foram realizadas vivências com contos de fadas, com oito crianças de até cinco anos de idade, onde experimentamos a contação de histórias, o teatro de bonecos, os improvisos e as vivências teatrais com as crianças. Desta forma, traremos à luz a relevância dessas histórias para esta idade. Assim, falando de forma lúdica, ‘plantaremos uma sementinha no coração daqueles que lerem estas palavras’ para que busquem conhecer um pouco mais deste universo maravilhoso e o impacto dele à quem o vivencia, podendo aplicar àqueles que verão a sua arte, sendo eles crianças, ‘crianças jovens’, ‘crianças adultas’, ou ‘crianças idosas’.

2 EDUCAÇÃO E ÉTICA

Para compreendermos a importância dos contos de fadas, é necessário que reflitamos sobre a educação. De acordo com o Referencial Curricular da Educação Infantil, educar significa:

[...] propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (1998, p. 24)

Ou seja, o maior foco da educação tem a ver com a relação interpessoal, a forma de lidar e o respeito para com o próximo. Em essência, é a aplicação aos jovens dos ensinamentos da ética. Walter Benjamin que, dentre outras áreas, foi um grande estudioso da educação, traz, em uma de suas obras a acepção de Immanuel Kant, um grande filósofo do século XIX, sobre a lei ética:

“lei ética”, é uma lei de causalidade, por intermédio da liberdade, que comanda a ação incondicional, e categórica, direcionada ao bem, sem consideração por metas, e finalidades empíricas ou pragmáticas”. (BENJAMIN, 2009, p. 12)

Refletindo sobre esta descrição da lei ética, pode-se perceber que a liberdade é essencial para que ela seja alcançada. Mas a educação hoje, na maioria dos casos, está na contramão desta premissa. Ela tem colocado os jovens diante de normas já estabelecidas, onde se impõe formas fixas de ação e reação. E deve ser justamente o contrário, como enfatiza o autor: “a lei ética não se exige que se realize esse ou aquele ato concreto, mas sim que o ético seja realizado. A lei ética é a norma do agir, mas não o seu conteúdo.” (BENJAMIN, 2009, p. 12) Portanto, não se pode nomear ações específicas como sendo éticas ou ‘moralmente corretas’, mas sim auxiliar as crianças a compreenderem o valor essencial da ética e o quanto é importante que nossos atos sejam cada vez mais éticos. Mas de que forma pode-se dar este auxílio às crianças?

A educação racional, didática é superficial para que a atitude ética seja alcançada, como enfatiza o autor: “[...] o ensino didático, com seus fundamentos racionalistas e psicológicos, só pode atingir o empírico, o que está prescrito, mas jamais a atitude ética.” (BENJAMIN, 2009, p. 14) Isto porque a ética se encontra em um nível mais profundo da psique do ser humano, não se pode memorizá-la como uma fórmula matemática, ou ditar as regras, pois não há regras, “esta é ‘livre de motivações,

determinada unicamente pela lei ética, pela norma: faze o bem!”, como descreve Benjamin (2009, p. 12).

Portanto, entendemos que a essência da ética é ‘fazer o bem’, que entendemos por ser todas aquelas ações que trazem resultados positivos e benéficos à nossa volta, baseadas na afetividade, sabedoria, humildade, coletividade, valores, etc. Grandes personalidades no mundo todo, nos trouxeram mensagens sobre a importância do fazer o bem e isto nos é visível, principalmente nos mitos nas religiões e em suas lendas.

3 LENDAS, MITOS E SUA SIMBOLOGIA

Existe, nas lendas religiosas¹, um conhecimento ético profundo, algo que ultrapassa o intelecto, o racional, e mergulha no inconsciente daquele que as conhece. Esse conhecimento auxilia o ser humano na compreensão e na aplicação da ética em sua essência. É importante enfatizar aqui que estamos tendo um olhar das histórias e seus heróis que contém as religiões, sem entrar no mérito da fé, religiosidade, crenças e seus conceitos. Olhamos aqui para as histórias ou lendas guardadas nas religiões, da mesma forma como olhamos para os mitos, trazendo a tona apenas o seu valor arquetípico e simbólico.

Joseph Campbell, um estudioso na área dos símbolos e arquétipos, cita uma frase dos Vedas em sua obra *O Herói de Mil Faces*, a qual pode nos fazer refletir sobre isto: "A verdade é uma só, mas os sábios falam dela sob muitos nomes". (CAMPBELL, 1997, p. 5) Mas do que se trata essa verdade? E o que são os “muitos nomes” a que ele se refere?

Se compararmos as diversas religiões e os diversos mitos em que há um personagem principal, um herói que vivencia o caminho espiritual, perceberemos que em essência sua mensagem é a mesma. Há sim, grandes diferenças entre elas, mas uma vez compreendidas as semelhanças, descobriremos que as diferenças são menos amplas do que supomos. Por exemplo, a lenda de Buda, um homem que seguiu a senda do herói a qual Campbell nos descreve da seguinte forma:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1997, p.18)

A lenda de Buda nos mostra, que assim como Jesus, ele viveu esta trilha. A simbologia da vida destes heróis é muito semelhante, tanto no aspecto do nascimento destes heróis, os quais nascem de mães castas, quanto nas passagens em que há renúncias e tentações. As duas lendas simbolizam o mergulho em um mundo sobrenatural, cheio de símbolos, o inconsciente são estes símbolos, esses conhecimentos, que possibilitam a compreensão da ação ética.

Assim como estas e outras lendas religiosas existem mitos (hindus, nórdicos, persas, romanos, gregos, etc.), fábulas, contos de fadas, além de

¹O termo “lenda religiosa” está sendo utilizado para sair da tendência a entrar nos conceitos de religiosidade, fé e crença, podendo assim dialogar com essas histórias apenas em seu caráter simbólico e arquetípico.

lendas folclóricas brasileiras, africanas, latino-americanas e indígenas; todas com um conteúdo relativo ao desenvolvimento ético do ser humano. Todos os símbolos que constituem estas histórias provêm do inconsciente coletivo, cujo conceito foi criado pelo psicólogo suíço Carl Gustav Jung:

Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*... Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000, p. 15)

De maneira mais simples inconsciente coletivo é a parte do inconsciente individual que resulta da experiência ancestral da espécie, ou seja, ele contém material psíquico que não provêm da experiência pessoal. É como uma fonte de informações que converge dentro de tudo quanto existe. Segundo o autor, o conteúdo psíquico do inconsciente coletivo são os arquétipos que é uma forma de pensamento universal, que herdamos. São eles que dão origem às mitologias, às fabulas, aos contos de fadas e às lendas folclóricas de todas as épocas. Portanto, os arquétipos estão presentes no inconsciente de todos os seres humanos sendo de mesma natureza, mesma força.

Todas estas histórias ou lendas simbólicas antigas são arquetípicas e possuem um conhecimento muito antigo, por serem repletos de símbolos universais, comuns ao inconsciente de todos os homens. Isso nos explica o fato das lendas religiosas serem tão parecidas e os mitos e histórias tão semelhantes uns aos outros mesmo com o fato de terem sido criados em diversas culturas separadas no tempo e espaço, como afirma Campbell:

[...] quer se apresente nos termos das vastas imagens, quase abismais, do Oriente, nas vigorosas narrativas dos gregos ou nas lendas majestosas da Bíblia, a aventura do herói costuma seguir o padrão da unidade nuclear acima descrita: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida. (CAMPBELL, 1997, p.20)

A simbologia das histórias está presente no interior do inconsciente de cada um de nós e do coletivo, por isso a facilidade para nos identificarmos com os personagens e vivermos os seus dramas e vitórias. Todas as experiências contadas nessas lendas são universais, todos nós os vivenciamos em algum momento, psiquicamente falando e esses contos nos auxiliam a compreender os mecanismos universais naturais e a responder conscientemente a cada situação vivida.

Portanto, o que há em todas essas lendas são símbolos repletos de conteúdo ético, que ultrapassam a barreira do tempo e do espaço, por estarem vivos dentro do

inconsciente de todos. Em todas estas diversas manifestações, eles trazem a sabedoria necessária para que a ética seja compreendida.

4 CONTOS DE FADAS

Como vimos, existem muitas histórias que podem proporcionar um conhecimento ético ao ser humano. Para aqueles ligados a fé, por exemplo, pode-se utilizar das histórias contidas nas religiões, para os jovens, os mitos gregos pode ser uma boa opção e para as crianças a melhor das escolhas é o conto de fada.

Os contos de fada são a opção mais próxima às crianças por conterem um material muito simples. Marie Louise Von Franz, uma pesquisadora dos arquétipos, e estudos dos contos de fada afirma:

Contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. [...] Superior a qualquer outro material. Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa. Nos mitos, lendas ou qualquer outro material mitológico mais elaborado, atingimos as estruturas básicas da psique humana através de uma exposição do material cultural. Mas nos contos de fada existe um material cultural consciente muito menos específico e, conseqüentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique. (VON FRANZ, 2003, p. 9)

Para um ser como a criança, que ainda não compreende o material cultural e que ainda tem um mais puro contato com os arquétipos dentro de sua psique, não há nada melhor para alimentá-la, de forma ética, do que estas histórias. Estes contos fornecem de forma pura, o melhor material de investigação para a compreensão dos processos que se passam na psique coletiva.

Os contos de fadas são histórias folclóricas existentes em diversas culturas. Foram contadas de pai pra filho por muitos e muitos anos e mantém um caráter arquetípico. Em diferentes lugares e épocas pode-se encontrar contos com um mesmo padrão simbólico, diferenciando-se apenas em aspectos mais superficiais. Von Franz traz um exemplo que define bem essa afirmação. Trata-se de um conto de fada chamado *Amor e Psyche*, de Apuleio, um filósofo do século 2 d.C.:

[...] *Amor e Psyche*, uma história do tipo *A Bela e a Fera*. Este conto de fada tem o mesmo padrão daqueles que se podem ainda encontrar, hoje em dia, na Noruega, Suécia, Rússia, e muitos outros países. Conseqüentemente, pode-se ao menos concluir que este tipo de conto de fada (da mulher que redime seu amado da forma animal) existe praticamente inalterado há 2.000 anos. (VON FRANZ, 2003, p.12)

Portanto, é difícil saber exatamente as suas origens, há pesquisadores que foram fundo nestas investigações, mas ainda assim não identificaram com precisão suas raízes.

4.1 O IMPACTO DOS CONTOS DE FADAS

A criança absorve e aprende muito mais com os exemplos à sua volta, que com regras, e ao ouvir um conto, ela se depara com a possibilidade de escolher um herói, a quem seguirá como exemplo para suas experiências. “As imagens das narrativas oferecidas às crianças [...] incitam-nas a igualar os feitos heroicos [...]”(PASSERINI, 2011, p. 23). Raramente vemos em suas brincadeiras, por exemplo, uma criança escolhendo ser um personagem que age negativamente contra alguém, como no conto *A Gata Borralheira*, onde há uma madrasta que junto com suas filhas maltrata a sua enteada, se dando mal do final. Isto porque internamente, ainda que inconsciente, a mensagem do conto, o seu valor ético, o “fazer o bem” como define Benjamim, foram absorvidos por sua psique. Aquele que maltratou e agiu negativamente teve consequências negativas, isto também fica marcado pra criança. Então a partir disto ela sabe fazer suas escolhas e diferenciar os personagens que agem de acordo com a lei ética, das que não o fazem.

É importante enfatizar que no inconsciente coletivo, há arquétipos de variadas forças, desde aquelas que podemos chamar de positivas dentre as quais estão a amorosidade, o respeito, a afetividade, a coletividade, a humildade, etc. como há também aspectos mais negativos, como ódio, ira, ciúmes etc. que são as forças que quando agem em nós trazem resultados e consequências negativas. Nos contos estas forças são representadas pelas bruxas más, madrastas, gigantes, feiticeiras, etc.

Em sua maioria, os personagens dos contos são bem definidos em apenas um arquétipo, podendo ser positivo, ou negativo, nunca os dois. Isto permite que a psique identifique o personagem como sendo representante de apenas um dos muitos arquétipos. Se um personagem agir hora positivamente, hora negativamente, já pode haver aí uma confusão da absorção da mensagem do conto.

Bruno Bettelheim, em sua obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, descreve de forma sucinta e esclarecedora a relevância destes contos para os processos pelos quais passam as crianças:

A criança necessita de ideias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita - e isto mal requer ênfase neste momento de nossa história - de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e portanto significativo. A criança encontra este tipo de significado nos contos de fadas. (BETTELHEIM, 2003, p. 13)

Portanto, o conto de fada sendo narrado diariamente às crianças, pode ser um grande aliado na educação e no desenvolvimento sadio no que diz respeito ao conteúdo ético necessário a cada uma delas. Desta forma, a compreensão sobre si mesma, sobre o mundo e o próximo, vão sendo ancoradas e firmadas em seu interior.

4.2 A ESCOLHA DO CONTO DE FADAS

Existe uma infinidade de contos que tratam diferentes fases, as quais todo ser humano passa em diferentes momentos de sua vida, desde aquele em que a criança começa a se desconectar de sua mãe, até momentos da vida adulta e velhice. Também existem os contos que tratam de representar as fases as quais se encontra a natureza, como por exemplo, verão, inverno, o dia, a noite, etc. e também aqueles que ajudam em comportamentos desafiadores, por exemplo para uma conduta desonesta, a história *O Dingo Desonesto*, ou *O Rei Feliz*² para um comportamento destruidor, etc. Assim sendo, é importante fazer a escolha mais adequada possível do conto, observando em que fase a criança se encontra, ou por quais processos a natureza está passando, ou ainda, algum conflito presente nas relações da criança. Dessa forma o conto escolhido trabalhará na psique da criança, diretamente sobre a fase ou dificuldade em questão ou ainda, se a escolha do conto for de acordo com os processos da natureza auxiliará na percepção, compreensão e harmonia da criança, com os ciclos naturais da Terra.

Observando as crianças pode-se perceber fases de confusão, atrito, entre outras crises que se manifestam exteriormente. Por exemplo, um conflito que se dá com duas crianças, onde diariamente entram em atrito. A forma exterior, aquela que vemos, é a tal crise, a briga, a confusão etc., mas é preciso ter um olhar mais apurado e perceber que há algo interior gerando aquela desordem. Será uma carência? Uma busca por atenção? É necessário chegar o mais próximo possível das causas da desarmonia, observando suas ações, conversando com os pais, buscando saber os problemas que a família tem passado, as relações que a criança tem fora etc. Tendo percebido estes processos, o conto pode ser escolhido.

² Estas histórias podem ser encontradas no livro de Susan Perrow, *Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores*, da editora Antroposófica.

Na escolha do conto é necessário um mesmo olhar analítico, o qual deve ter como foco identificar aquelas histórias com conflitos semelhantes aos das crianças, para que, com sua simbologia, ajude a criança na resolução de seu problema.

Além das histórias que auxiliam na resolução desses atritos, existem aquelas também, como expusemos, importantes e cruciais que propiciam a conexão e harmonia da criança com os muitos processos da natureza.

Portanto, a análise e a atenção às mensagens e simbologias do conto, paralelamente à fase da criança e da natureza são cruciais para que a escolha da história esteja o mais de acordo possível com a etapa em questão.

4.3 DAS VIVÊNCIAS

Há muitas possibilidades de vivenciar essas histórias com as crianças além da forma oral, lendo ou contando. Se nos lembrarmos que a todo instante elas estão vivendo e experimentando pequenas cenas de teatro improvisado em suas brincadeiras, onde ora são filhas, ora mães, ora animais, podemos quebrar alguns moldes relacionados ao teatro, os quais nos enrijeceram, e nos permitir experimentar vivências improvisadas de teatro de bonecos, teatro de sombras, ou até mesmo com as crianças como atores num pequeno palco, de forma leve, livre e descontraída, como uma brincadeira, pois, segundo Lucia de Lemos, em sua obra *Dramatização na Escola Primária*, “A criança dramatiza por prazer, desde os primeiros anos, logo que toma consciência do meio e consegue traduzir experiências e sentimentos em sons e palavras.” (1968, p. 1). Entrando nesse universo lúdico da criança ao qual ela vive naturalmente, nos permitimos resgatar a nossa criança interior e experimentar sem medo, novas possibilidades, dentre as quais não entram preocupações como: ‘será que está bonito?’ ou ‘será que está bem manipulado?’, entre outras. Mantendo a intenção e o foco de que o principal é que elas criem, utilizem sua fonte imaginativa, aceitamos todos os leques de possibilidades, com muita generosidade.

É importantíssimo manter a história em sua essência, não modificá-la. Cada personagem ou passagem do conto está representando um símbolo arquetípico o qual num primeiro momento pode nos parecer estranho ou impactante demais, mas ao analisarmos a narrativa, compreendemos suas mensagens e percebemos que todos os arquétipos que movem o conto estão exatamente onde devem estar, e simbolicamente representa tanto os processos da psique individual, quanto do inconsciente coletivo. A

simbologia dos contos, ainda aqueles considerados bizarros para alguns, está de acordo com aquilo que necessita ser transmitido no conto específico. Todos os símbolos têm um porque de ser como são. É muita pretensão de nossa parte modificar um conto por julgá-lo forte demais. Na realidade, se o fazemos é porque ignoramos seu aspecto arquetípico profundo e seus tesouros. Como traz a mensagem o seguinte poema citado por Passerini:

*Ó deuses-poetas dos primórdios da humanidade,
Perdoem nossa audácia
Com a intensão de dignifica-los
E com a qual, para cantá-los ao mundo,
Dissecamos seu corpo vivo de conhecimento,
Na tentativa, talvez,
de faze-lo maior e mais compreensível
a todos nós, pobres mortais. (PASSERINI, 1998, p.20)*

Portanto, apresentando o conto às crianças, respeitando suas passagens e símbolos, e dando a possibilidade à elas de experimentarem o teatro livre, improvisado, e outras vivências artísticas, permitimos que tenham um contato forte com sua imaginação e criatividade que também emergem do seu inconsciente, desta forma a absorção das mensagens dos contos serão muito mais profundas.

5 CONTANDO HISTÓRIAS

Para poder observar o envolvimento de contos de fadas com as crianças, realizamos um projeto, eu e mais duas amigas, Danielle Coelho e Giovanna Rosa, onde todas as tardes, durante quatro meses – de fevereiro a maio de 2014 - recebíamos oito crianças de três a seis anos, num espaço onde havia um grande jardim com muitas flores e árvores, e uma sala com brinquedos naturais, madeira, tecidos, etc. Vivenciávamos contos de fadas com experimentações de teatro de bonecos, contação de histórias e teatro improvisado com as crianças.

Refletindo sobre o jogo teatral o qual os atores estão habituados a desenvolver, e comparando-o com as vivências das crianças, pode-se perceber uma grande semelhança entre brincadeira e jogo teatral. A todo instante há uma força diferente sendo representada pela criança. Ora uma mãe, ora um filho, ora um herói, ora uma fada. Como enfatiza Lucia de Lemos, autora da obra *Dramatização na Escola Primária*:

A representação dramática é, pois, uma forma de expressão natural da criança, através da qual exterioriza observações e sentimentos, usando mímica, sons, palavras e ritmos próprios. (LEMOS, 1968, p.2)

Portanto há uma vinculação natural das crianças com o fazer teatral. As conexões da criança com as forças arquetípicas dentro de si mesmas, vão se fazendo cada vez mais presentes, à medida que novos arquétipos são apresentados a elas. Obviamente, não há na criança uma consciência corporal, vocal, física, como as que buscam os atores, mas há a essência do que é o ator: o entregar-se, deixar de ser o que se é, e conectar-se com outra força para representá-la. A criança faz isso naturalmente, por prazer. É o que a ajuda a conhecer e compreender o mundo. Portanto, nossa pesquisa baseou-se em apresentar alguns contos a elas e deixar que os vivenciassem à sua forma, livremente, para que a imaginação e a criatividade pudessem fluir de forma natural. Não propúnhamos jogos teatrais da forma como conhecemos, mas disponibilizávamos materiais como bonecos, objetos e fantasias para montagem de cenários, teatro de sombras e outras formas que envolviam o teatro em vários aspectos. Para vivências artísticas manuais dispusemos aquarela, argila e madeira. Desta forma elas podiam experimentar essas atividades se baseando na história contada, elaborando brincadeiras, com sua criatividade, de forma livre.

Como era época da páscoa, procuramos usar, tanto os contos que traziam a mensagens relacionadas à este tempo, como também aqueles que poderiam auxiliar nas

crises e desentendimentos que ocorriam entre as crianças, como por exemplo, quando não dividiam os brinquedos ou não queriam brincar juntos. Utilizamos também uma lenda indígena, *A Lenda da Vitória Régia* e uma história do folclore de Santa Catarina, *O Boi de Mamão*, para trazer um conhecimento mais cultural às crianças. Como estes não se caracterizam como contos de fadas, Tivemos o cuidado de escolher, exatamente estes contos, por que arquetipicamente trazem também a mensagem da páscoa. Sempre após a história, abríamos um momento de arte livre e criativa, em que as crianças pudessem representar, à sua forma, o conto vivenciado, com os materiais que disponibilizávamos. Estas experiências artísticas proporcionavam uma maior conexão com as mensagens dos contos, pois assim como os contos de fadas, a arte percorre o caminho subjetivo do ser humano, o aspecto imaginativo, sentimental, e além disto ela nos permite ter, não só a compreensão dos processos da criança, mas também a oportunidade de estimular seu desenvolvimento motor, reflexivo, imaginativo e criativo. Há uma enorme importância em respeitar as vivências infantis, pois, como ressalta Passerini, “A força da imaginação criadora só se mobilizará e ampliará se a criança for respeitada em suas necessidades reais, entre as quais se inclui brincar e ouvir histórias.” (1998, p. 22).

Com trabalhos manuais trazíamos a possibilidade de construção das imagens as quais brotavam da imaginação das crianças no momento em que ouviam a história. As histórias eram passadas a elas da forma mais simples possível, tanto com aquelas contadas, como no teatro de bonecos. Buscávamos não dramatizar e usar bonecos sem expressão. Dessa forma as deixávamos livres para imaginar e criar.

Para as crianças, quanto mais ouvir integralmente e repetidas vezes o mesmo conto, melhor. Referente a isto, Bettelheim ressalta:

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a estória fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem. (BETTELHEIM, 2003, p. 74)

Acreditamos que esta é a melhor forma de proporcionar a vivência dos contos às crianças. Repetindo a história durante alguns dias, ele passa a fazer parte das vivências infantis sendo muito bem absorvido pelo seu inconsciente, de forma que as imagens se fixem em seu interior, então repetíamos durante no mínimo sete dias seguidos, o mesmo conto, desta forma ele era submerso com tal profundidade que a

grande maioria das brincadeiras e criações artísticas das crianças feitas durante a tarde eram relacionadas a ele. Por isso também não propúnhamos atividades desconexas ao conto, e as deixávamos livres para trazer suas impressões ao brincar. Bettelheim enfatiza ainda:

Na brincadeira normal, objetos tais como bonecas e animais de brinquedo são usados para incorporar vários aspectos da personalidade da criança que são muito complexos, inaceitáveis e contraditórios para ela enfrentar. Isto permite que o ego da criança consiga algum domínio sobre estes elementos, o que ela não pode fazer quando solicitada ou forçada pelas circunstâncias a reconhecê-los como projeções de seus processos internos. (BETTELHEIM, 2003, p. 71)

Com esta afirmação de Bruno Bettelheim, compreendemos a importância da brincadeira e das representações criadas pela criança, nos seus processos de conhecimento e descoberta de si mesmas, e no domínio sobre seus impulsos.

Tivemos a oportunidade de vivenciar com as crianças cerca de dez contos de fadas, entre eles: O Mingau Doce, A Formiga Lava-pés, João Semente de Maçã, A Galinha Ruiva, O Sapateiro e os Anões, A Serpente, A Lagarta e a Roseira, A Lagarta e a Borboleta, O Rei Feliz, e A Abelha Rainha. Para aproximá-las da cultura brasileira utilizamos também uma lenda indígena (*A Lenda da Vitória Régia*) e uma história folclórica (*O Boi de Mamão*). Com o passar das experiências percebíamos que havia por parte das crianças, um maior envolvimento com algumas histórias específicas, portanto, descreveremos o processo e as percepções apenas de alguns destes contos os quais causaram um maior impacto e imersão da parte das crianças, em suas vivências.

5.1 A MENSAGEM DA PÁSCOA

Quando se fala sobre a páscoa, automaticamente, pela nossa cultura e criação, já ligamos com uma festa religiosa cristã em que se comemora a ressurreição de Cristo. Mas a festa da páscoa é na verdade, uma festa que existe há muito tempo, muito antes de Cristo. Rudolf Steiner, fundador da pedagogia Waldorf, traz em uma de suas reflexões:

A festa da Páscoa é a festa da ressurreição. Mas esta festa da Páscoa aponta para épocas muito mais antigas que a Cristã. Ela aponta a festas que se relacionam com a época do equinócio da primavera, com aquelas festas que se vinculam à natureza que está novamente acordando, com a vida que novamente surge da terra. [...]

A festa da Páscoa, como festa crística, é uma festa da ressurreição. A correspondente festa pagã que acontece aproximadamente na mesma época do ano em que acontece a festa da Páscoa, é uma festa da ressurreição da natureza, um reaparecer daquilo que forma natural, durante a época do inverno, se assim posso me expressar, dormia.

Disponível em: <<http://www.festascristas.com.br/pascoa/pascoa-textos-diversos/666-reflexoes-sobre-a-comemoracao-da-pascoa.>>
Acesso em: 25 out. 2014.

Portanto, a simbologia desta época, o seu valor essencial é de transformação, morte e vida, o renascer, ou o despertar do sono profundo. Desta forma, pudemos escolher histórias que trouxessem esses arquétipos intrínsecos em sua mensagem para que assim, conseguíssemos levar às crianças o fundamental valor desta data comemorativa descondicionando, desta forma, a visão da páscoa apenas como comemoração religiosa.

5.2 RODA DA LAGARTA

Um dos contos escolhidos para vivenciarmos nesta época foi a “Roda da Lagarta”, uma criação musical de Elisa Ferrari Manzano, que é uma pedagoga que aborda temas relativos à importância da música na educação. Este conto musicado trata de poetizar o processo natural que as lagartas passam ao virarem borboletas:

Roda da Lagarta

De manhã o sol levanta, acorda o lindo girassol!
A violeta ainda está sonhando ,
Mas logo chega um raio de sol.

Acorda, acorda, linda florzinha!
O dia já raiou, o galo já cantou!
E todas as flores enfeitam o campo de cores.

O beija-flor numa planta sentou,
Mas logo se assustou,
Pois uma lagarta peluda e gordinha
Subia na plantinha com mil perninhas.
Comeu uma folha, duas, três;
Comeu tão depressa, nem pausa ela fez!

“Lagarta arrasta-se no chão
Comendo folhinhas de montão:
Come, come e não pára não.”

Mas um dia a lagarta parou,
Pois com muito sono ficou.
Num galho alto ela se segurou,
E num casulo fechadinho se enrolou.

O sono era tão profundo
Que para ela acabou o mundo!
Parecia até que ela morreu,
Pois nenhum sinal de vida mais deu.

Passou-se o tempo, e um belo dia
A lagarta tão leve se sentia...

É que um grande milagre aconteceu:
Uma borboleta da lagarta nasceu! (MANZANO, 2005)

5.2.1 Da Simbologia

O conto traz em sua essência a mensagem de recolhimento e de transformação pela qual atravessa a lagarta ao sofrer a metamorfose. Essa transformação é em si o arquétipo do despertar da natureza, o acordar do sono, a morte da lagarta para renascer a borboleta. Edith Asbeck em sua obra *Tempo de Festas*, descreve poeticamente o processo das borboletas:

Deixar para trás o sarcófago e, purificado, elevar-se acima da materialidade é a belíssima imagem trazida pelas histórias das borboletas. Após um longo sono, deixam a crisálida e elevam-se em direção à luz, não antes, porém, do sol lhes ter secado as asas úmidas que, paulatinamente, se estendem na certeza de que, aquecidas, iluminadas, poderão alcançar o céu. (ASBECK, 2011, p. 53)

A essência da história é observável não apenas com as lagartas, mas também com tudo na natureza, tudo o que se sacrifica para que nasça o novo, como por exemplo, as sementes que deixam de ser sementes para tornarem-se plantas, ou o espermatozoide que deixa de ser espermatozoide para tornar-se um feto.

Portanto, com este conto proporcionaríamos às crianças entrarem em sintonia com o que nos sugere esta época, o recolhimento, a introspecção, a transformação e o florescimento, de forma sutil e leve, assim como são as borboletas. Desta forma seu inconsciente vai reconhecendo este processo natural, se adequando e se adaptando a ele.

5.2.2 Da Contação

Para contar a história, pedimos o auxílio das crianças para recolher materiais naturais como, cristais, galhos secos, flores, sementes e folhas do próprio jardim. Sempre evitamos materiais sintéticos para que todas as vivências tornassem-se mais orgânicas e naturais possíveis. Utilizando também, tecidos e blocos de madeira, todos juntos preparamos um lindo cenário para o teatro de mesa, o qual ficou montado durante todos os dias próximos à páscoa, como segue a imagem a seguir:

Figura 1 - Teatro de Mesa preparado para o conto *Roda da Lagarta*.



Foto: Thaís Leite

É importante enfatizar o valor que dávamos as criações espontâneas das crianças. Improvisávamos todos os elementos do cenário com os materiais recolhidos e elas nos ajudavam a dar outro sentido a eles, como por exemplo, a pinha e a pena que viraram árvores do jardim, ou o retalho de tecido que virou uma borboleta. Todas essas criações fazem parte da experiência que elas levam posteriormente sobre o conto, pois, de certa forma, elas se sentem muito próximas à história por terem ajudado a compor a arte de sua manifestação.

Preparamos também uma lagarta de lã e um casulo de feltro para cada criança, para que pudessem levar para casa, e assim, continuassem vivenciando o conto, em suas brincadeiras, mesmo longe do nosso espaço de atividades. Todos os dias elas traziam de volta para compor novamente nosso cenário. Quando estávamos bem próximos do dia de páscoa trocamos o casulo por uma borboleta, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 2 - Borboleta confeccionada com as crianças.



Foto: Danielle Coelho

5.2.3 Das Vivências Artísticas

Após o conto, proporcionávamos opções artísticas para que elas desenvolvessem a forma de manifestar as suas vivências. Variávamos a proposta entre atividades com aquarela e desenho com giz de cera, como podemos ver na figura:

Figura 3 - Vivência com aquarela após o conto *Roda da Lagarta*.



Foto: Thaís Leite

Sempre de forma livre, elas optavam por fazer a atividade ou não, e muitas vezes não queriam pintar, já partindo para criar outras brincadeiras juntos. Uma destas brincadeiras surgiu a partir de um tecido, o qual elas usavam para se cobrir e ‘dormir’, como a lagarta em seu casulo, e depois levantavam voo ‘batendo asas’ correndo pelo jardim e imaginando que estavam voando. Elas estavam sempre inovando nas brincadeiras relacionadas a este conto e até nos momentos de relaxar um pouquinho na rede, transformavam-na em outro casulo, nos pedindo para ajudá-las a fechar, como na imagem:

Figura 4 - Crianças ‘brincando de casulo’ na rede.



Foto: Thaís Leite

Todas essas brincadeiras criadas a partir de suas imaginações aproximavam-se muito da linguagem do teatro. Ao observar as crianças em seus processos, fomos percebendo a naturalidade com que elas representam os personagens da história. Todo o trabalho que os atores tem quando, por exemplo, estão em uma aula prática, como o de desligar do mundo lá fora, imaginar a cena, ou o personagem, etc. toda essa abertura, e o ‘se permitir’ que exige total concentração dos atores muitas vezes com bastante dificuldade, as crianças tinham fluentemente. E é exatamente esta a palavra, fluir. Elas simplesmente deixam que o fluxo de sua imaginação criativa flua e se manifeste, sem esboçar qualquer tipo de preocupação ou trava como nós adultos. Por isso as criações são intensas e fluidas.

5.2.4 Das Percepções

Foi muito perceptível a ligação das crianças com as lagartas e as borboletas após este conto. Antes, notávamos certo medo ou nojo das crianças em relação às lagartas que apareciam pelo jardim, e após estas experiências, vimos um outro olhar surgindo sobre este inseto. Começaram a olhá-lo de forma ampla, percebendo todo o processo que eles vivem, e quando uma lagarta surgia, uma criança vinha correndo nos chamar de forma alegre e empolgante para que nós a víssemos. Dependendo do risco que ela teria de ser pisoteada, até propunha que a salvássemos, levando-a até uma árvore. Sempre lembrando que logo ela viraria uma linda borboleta, como as que já estavam por ali, voando e colorindo o jardim à nossa volta.

Portanto, além da mensagem da transformação, em todos os aspectos, tanto da natureza como da nossa vida exterior e interior, o conto proporcionou uma grande conexão e respeito das crianças em relação às lagartas. Referente a este respeito, poderíamos ‘medir’ e completar: ‘mas é uma simples lagarta, o que há de tão importante em respeitar um inseto?’ É justamente aí que habita a ética, neste respeito em relação a um simples inseto, muitas vezes imperceptível. Pois é o processo de compreensão do respeito da vida em si, do próximo, e do ‘fazer o bem’, não importando a quem seja.

5.3 BOI DE MAMÃO

Ainda no período que antecede a páscoa, vivenciamos a história folclórica do boi de mamão. Resolvemos inserir esta história para trazer à proximidade das

crianças uma história cultural. Ela traz consigo a simbologia da morte e ressurreição do boi em cantos. Cada local faz adequação nos cantos conforme a realidade à sua volta. Podemos verificar isto nas canções em anexo do CD produzido pelo Núcleo de Desenvolvimento Infantil, da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível também em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SkUazTZEYSI>> Acesso em: 28 out. 2014.

Neste CD há canções dos animais, como o cachorro, o urubu a cabra, o urso e o macaco, que não estão na versão que utilizamos com as crianças em nossas atividades. Verificamos algumas modificações também nas letras das canções, por exemplo na música da *Morte do Boi*, quando na versão de Graça Carneiro é: “[...]Manda buscar outro, ô maninha lá no Piauí [...]”, na produção do Núcleo de Desenvolvimento Infantil essa frase é trazida para a realidade das crianças: “[...]Manda buscar outro, ô maninha lá no NDI [...]”. As letras vão sendo adequadas, mas as melodias são sempre as mesmas.

De norte a sul deste imenso Brasil, a morte e ressurreição do boi é cantada em verso e prosa.

Chamada do Povo

Vamos moreninha Vamos até lá Vamos lá na vila Para ver meu boi dançar	} bis
Eu caio, eu caio Na boca da noite Serenio eu caio	} bis
A folha do limão verde Tem cheiro de limão Morena me dá um beijo Que eu te dou meu coração	} bis
Eu caio, eu caio Na boca da noite Serenio eu caio	} bis
Eh, papagaio Não come meu arroz, Papagaio	} 3x

Mateus, homem simples do interior da ilha, dividido entre o amor por sua família e por seus animais de estimação. Maria, mulher de Mateus, grávida, está com desejo de comer coração de boi. Se Mateus não satisfizer o desejo

de Maria, seu filho poderá nascer com cara de boi. Galhudo! O jeito é convidar um amigo vaqueiro e matar seu boizinho de estimação.

Cantiga do Boi

Te levanta boi malhado
Te levanta devagar

Vem cá meu boi, vem cá

Te levanta devagar
Que é pra não escorregar

Vem cá meu boi, vem cá

O meu boi é de mamão
Da cabeça até o chão

Vem cá meu boi vem cá

Olha a volta que ele deu
Olha a volta que ele dá

Vem cá meu boi, vem cá

Esso boi é de mamão
Faz a tua obrigação

Vem cá meu boi, vem cá

Esse boi é de folia
Dá galhada na guria

Vem cá meu boi, vem cá

Te apresenta seu Mateus
Bota esse boi no chão

Vem cá meu boi, vem cá

A morte do Boi

Nosso boi morreu	}	bis
Que será de mim		
Manda buscar outro, ó maninha		
Lá no Piauí		

Um minuto de silêncio
Pro boizinho que morreu
Vou chamar o seu doutor
Pra ver o que aconteceu

Arrependido de ter sacrificado o boi, Mateus vai à freguesia em busca do velho médico e curandeiro na tentativa de ressuscitá-lo.

A Ressurreição do Boi

Te levanta boi dourado
Te levanta devagar

Vem cá meu boi, vem cá

Te levanta com cuidado
Que é pra não escorregar

Vem cá meu boi, vem cá

Olha a volta que ele deu
Olha a volta que ele dá

Vem cá meu boi, vem cá

Esse boi não é daqui
É do sertão do Paraná

Vem cá meu boi, vem cá

Te apresenta meu cavalo
Tua hora vai chegar

Vem cá meu boi, vem cá**Cantiga do Cavalinho**

O meu cavalinho
Ele já chegou
E o dono da casa
Já cumprimentou

**O meu cavalinho
Ele já chegou
E o dono da casa
Já cumprimentou**

} Refrão

O meu cavalinho
Do pelo vermelho
Oi, quem monta nele
É um cavaleiro

O meu cavalinho... (Refrão)

O meu cavalinho
Cavalo fogo
Oi, quem monta nele
É moço bondoso

O meu cavalinho... (Refrão)

O meu cavalinho
Cavalo ligeiro
Vai lançar o boi
Dentro do terreiro

O meu cavalinho... (Refrão)

O meu cavalinho
Está chegando a hora
Bota o boi no laço
Não tenha demora

O meu cavalinho... (Refrão)

O meu cavalinho
 Está chegando a hora
 Bota o boi no laço
 Sai de porta a fora

Lá vai lá vai
 Vou deixá-lo ir
 Se ele tiver amor
 Ele vai e torna vir

Lê, lê, lê, lê, lê,
 lê, lê, lê, lê,
 lê, lê, lê, lê... ô, lá, lá

} (3x)

Cantiga da Cabrinha

E o vaqueirinho chama a cabra
 Ê cabra, ê cabra

Chama a cabra pro salão
 Ê cabra, ê cabra

Essa cabra não berra
 Ê cabra, ê cabra

Quero ver ela berrar
 Ê cabra, ê cabra

Dá um pulo e dá um berro
 Ê cabra, ê cabra

Ela comeu minha parreira
 Ê cabra, ê cabra

Ela está com caganeira
 Ê cabra, ê cabra

Ê cabrinha danada
 Ê cabra, ê cabra

Dá galhada no vaqueiro
 Ê cabra, ê cabra

Ô vaqueiro da cabrinha
 Ê cabra, ê cabra

Dá um pulo e dá um berro
 Ê cabra, ê cabra

Ô vaqueiro da cabrinha
 Ê cabra, ê cabra

Faz a tua obrigação
 Ê cabra, ê cabra

Pega a cabra pelo galho
 Ê cabra, ê cabra

Dá uma volta no salão
Ê cabra, ê cabra

Dá uma volta e vai embora
Ê cabra, ê cabra

Tua hora já chegou
Ê cabra, ê cabra

Dá um pulo e vai embora
Ê cabra, ê cabra

Tua hora já chegou
Ê cabra, ê cabra

Dá um pulo e vai embora

Quem, quando criança, não teve medo de Bicho Papão? Este, “come pão, come bolacha. Come tudo o que lhe dão.”.

Cantiga da Bernunça

Bernunça minha bernunça
Bernunça do coração
Bernunça só dança bem
Quando entra no salão

**Olê, olê, olê, olê, olá
Arreda do caminho
Que a Bernunça que passar**

} Refrão

Tava deitado na sombra
Quando ouvi falar em guerra
Quando acaba era a bernunça
Que vinha descendo a serra

Olê, olê, olê, olê, olá... (Refrão)

A bernunça é um bicho brabo
Já engoliu Mané João
Come pão come bolacha
Come tudo que lhe dão

Olê, olê, olê, olê, olá... (Refrão)

Oh! Senhor dono da casa
Venha na porta da frente
Venha ver a brincadeira
Do bicho que engole gente

Olê, olê, olê, olê, olá... (Refrão)

Bernunça que dança bem
Então preste atenção
Dá uma olhada em tua volta
E engole essa multidão

Olê, olê, olê, olê, olá... (Refrão)

Oh~Senhor donho da casa
 Venha na porta dos fundos
 Venha ver a brincadeira
 Do bicho que engole o mundo

Olê, olê, olê, olê, olá... (Refrão)

E a Maricota, moça alta e bonita que lhe parece um pau-de-fita, de nariz e bochechas vermelhas que são iguais a um pimentão, dançando no Baile de Reis, como dançavam as primeira imigrantes européias

Cantiga da Maricota

Fizemos um baile de reis
Fizemos um baile de cota
Está chegando a hora
De dançar com a Maricota } (2x) } Refrão

A Maricota é moça
 É moça e vai se casar
 Uma moça tão bonita
 Mai parece um pau-de-fita } (2x)

Fizemos um baile de reis... (Refrão)

Dona Maricota
 Nariz de Pimentão
 Deixou cair as calças
 No meio do salão } (2x)

Fizemos um baile de reis... (Refrão)

A dona Maricota
 É moça tão bonita
 Ela só dança bem
 Com seu vestido de chita } (2x)

Fizemos um baile de reis... (Refrão)

A nossa Maricota
 Ela é trabalhadeira
 Aqui vai nossa homenagem
 Às Maricotas rendeiras } (2x)

Fizemos um baile de reis
Fizemos um baile de cota
Está chegando a hora
Da Maricota ir embora } (2x)

O filho de Mateus e da Maria nasceu. E não tem cara de boi. A freguesia está em festa e eles convidam a todos para dançar e cantar.

Cantiga final

E todos os bichos no salão

Oi cidade sim
Oi cidade não

Eu quero ver o Boi de Mamão

Oi cidade sim
Oi cidade não

O nosso boi já vai embora

Oi cidade sim
Oi cidade não

Meia- lua dentro
 Meia- lua fora
 Senhor dono da casa
 Nosso boi já vai embora } bis

Eu caio eu caio
Na boca da noite
Sereno eu caio } bis

Eh, papagaio
 Não come o meu arroz,
 Papagaio
 (CARNEIRO, 2012, p.4) } (3x)

5.3.1 Da Simbologia

O Boi-de-Mamão é um folguedo que envolve dança e cantoria em torno do tema épico da morte e ressurreição do boi. Graça Carneiro, autora do livro onde encontramos a história e os cantos deste folclore, explica:

Sobre a origem desta denominação, Boi de Mamão, há quem diga que há muitos anos, usavam-se mamões verdes para a confecção da cabeça do boi, de onde teria surgido o termo, logo se espalhado pelo litoral catarinense. (CARNEIRO, 2012, p.2)

Mas o que realmente é relevante dessa história é a mensagem de ressurreição que ela traz. Como podemos perceber, sua simbologia baseia-se na mesma essência da mensagem do conto *A Roda da Lagarta*, a premissa do renascimento que é a mesma como falamos antes, do símbolo páscoa. O mais interessante é que em outras culturas do nosso Brasil essa história é repetida, à sua forma, em algumas regiões, sendo encontrada em várias partes do país, recebendo diferentes nomes. No nordeste, por exemplo, é conhecido como "Bumba Meu Boi" ou "Boi Bumbá". Desta forma, percebemos o fato, mencionado acima, de que há muitas lendas, contos e histórias, separadas no tempo e espaço, que trazem o mesmo valor simbólico e arquetípico, pelo fato de terem surgido daquela fonte de conhecimento comum, citado no capítulo três, denominado por Jung de inconsciente coletivo.

5.3.2 Da Contação

Para contar esta história todos os dias montávamos um palco com esteiras e tecidos. Usávamos bonecos de luva para alguns personagens, e para outros, usávamos materiais que estavam ao nosso alcance para improvisar e criar. Uma vassoura, por exemplo, envolta por um tecido, se transformou na Maricota. Levamos diferentes propostas de contação, com bonecos, teatro de mesa, apresentações, etc. e uma das que mais as crianças se envolveram foi a seguinte: elas representavam os personagens, paralelamente aos bonecos que a monitora manipulava. Ela ficava atrás do palco com os bonecos, contando e cantando a história, e quando iam surgindo os personagens todas as crianças também os representavam, cada uma a sua maneira, conforme sua imaginação e criatividade. Pudemos perceber algo interessante nesta vivência. Mesmo com a nossa indicação de que cada criança escolheria um personagem, todas fizeram todos os personagens ao mesmo tempo no momento em que eles apareciam na história. Elas não compreendiam que tinham um só papel, e que o outro papel era do colega. O mesmo aconteceu num outro dia, quando demos um boneco para cada criança manipular no momento certo do conto. Todas usavam o seu boneco para representar todos os personagens que iam surgindo, como podemos ver na imagem:

Figura 5 - Teatro de Bonecos do conto folclórico *Boi de Mamão*.



Foto: Danielle Coelho

Por exemplo, no momento em que aparecia a Maricota, todas as crianças e seus bonecos se transformavam nela, subiam no pequeno palco, e dançavam sua música. O mesmo aconteceu quando a Bernunça surgiu na história, todas as crianças entraram debaixo de um mesmo tecido e se transformaram na Bernunça, correndo juntas:

Figura 6 - Representando a Bernunça com o tecido.



Foto: Danielle Coelho

5.3.3 Das Vivências Artísticas

Deixávamos livre para as crianças escolherem entre as opções de artes manuais, como aquarela, argila, desenhos com giz de cera, etc., mas cada vez mais percebíamos que elas queriam mesmo era vivenciar o conto, brincando. Então, notando estes fatos, e respeitando a vontade das crianças, deixávamos os bonecos e o pequeno palco montado e à disposição delas para que pudessem experimentar da forma como sentissem. Na maioria das vezes elas tomavam o lugar da monitora, trazendo a imitação, buscando contar a história como vemos na imagem abaixo. Claro que o conto e as músicas eram reinventados, pois ainda não conseguiam memorizá-los corretamente, mas desta forma percebíamos a criatividade e imaginação agir e trabalhar. E este era um grande ponto positivo.

Figura 7 - Experimentando o teatro de bonecos

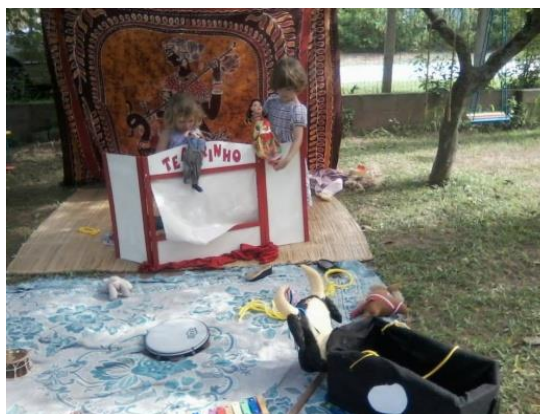


Foto: Thaís Leite

5.3.4 Das Percepções

Esta história está carregada de elementos culturais, de seu povo, desta terra onde estão crescendo. É um conto provavelmente muito antigo, que foi passado de geração pra geração assim como os contos de fadas, e por ser folclórico e apresentar a essência da cultura em seus elementos, se torna muito rico para a criança. Portanto pudemos, com esta história, unir a mensagem arquetípica e essencial do “ressurgir” ou “renascer”, que faz conexão com a época da páscoa, com um material cultural e folclórico, proporcionando às crianças o conhecimento e contato com o seu povo, a sua terra e sua história.

Referente às vivências das crianças como sendo tudo e todos no momento em que contávamos a história, algo nos chamou bastante atenção. Em uma reflexão sobre o ator, este ser que manifesta em si diferentes forças e formas, que deixa sua personalidade, seu ‘eu’, para se abrir pra outras possibilidades, outros ‘eus’, e fazendo um paralelo com esta experiência com as crianças, em que elas manifestaram todos os ‘eus’ da história, ao mesmo tempo e juntas, pudemos concluir o fato de existir mais uma grande aproximação natural da criança com a essência do teatro. Elas entendem o todo; não vêm individualidade ainda, e talvez por isso manifestem de forma tão espontânea e com tanta facilidade, diferentes formas e personagens em suas brincadeiras.

5.4 O COELHO E O OVO DA PÁSCOA

Quando trazemos a reflexão sobre a páscoa, percebemos que a ligação que nossa sociedade tem com esta data é muito ligada ao coelho e ao ovo de chocolate, que com a essência propriamente dita desta época. Afinal o coelho e o ovo representam o que? Buscamos ter conhecimento sobre esta simbologia para que ela estivesse esclarecida dentro de nós, monitoras, e assim pudéssemos levar sua mensagem para as crianças, pois ainda que não contássemos histórias sobre coelhos e ovos de páscoa, esta era uma realidade para elas fora do nosso espaço de vivência, então não podíamos ignorá-la.

5.4.1 Da Simbologia

Refletindo sobre o coelho nos vemos diante da seguinte pergunta: qual seria o significado desse animal e do ovo tão presentes nesta época da páscoa, além do que

vemos exteriormente: ovos de chocolate e do aspecto físico do coelho, dentuço, de pelos brancos, olhos vermelhos e sempre roendo uma cenoura? Por que, afinal, estes símbolos estão ligados à páscoa, e o que eles representam? O ovo simboliza a fonte da vida e se refletirmos sobre o coelho, perceberemos que este animal não faz mal a ninguém, mas sempre teve muitos predadores e é muito rápido na fuga. Segundo Asbeck, um coelho, quando vê seu semelhante estando prestes a ser alcançado, salta a frente do inimigo, para que aquele, exausto, recupere suas energias. (2011, p.52) Portanto a mensagem do coelho é clara: amorosidade e sensibilidade que exclui o fazer mal a outro, pelo contrario, este singelo animal é capaz de dar sua vida pela vida do seu semelhante. Aqui, mais uma vez, nos deparamos com a essência da lei ética, o ‘faze o bem’ como enfatiza Benjamim, citado no capítulo dois. Além disso, Lapouge, em um texto sobre os principais símbolos da páscoa, acrescenta:

A lebre continua a ser um símbolo da fecundidade e, portanto, da renovação, da ressurreição, da terra que nutre, da esperança, do inesgotável renascimento da morte [...] Ovo de Páscoa - A lebre associa-se a um outro símbolo da Páscoa: o ovo, que a lebre fica encarregada [...] de distribuir nos jardins. Lebre e ovo pregam a mesma coisa: eis a primavera, o despertar da terra, o fim da morte, o renascimento.

Disponível em: <<http://www.festascristas.com.br/pascoa/pascoa-textos-diversos/532-o-misterio-dos-principais-simbolos-da-pascoa-gilles-lapouge>>

Acesso em: 17 out. 2014.

Portanto, ao esclarecer o real valor do coelho e do ovo, pudemos levar às crianças a mensagem que estes símbolos nos proporcionam, deixando de vivenciá-los apenas no sentido material e exterior, mas sim, buscando entender o seu significado simbólico arquetípico.

5.4.2 Das Vivências Artísticas

A vivência com o coelho e os ovos, se estendeu pelos dias que antecederam a páscoa, paralelamente aos contos já citados. Além de brincadeiras relacionadas ao coelho e pinturas faciais, realizamos atividades artísticas pintando ovos, produzindo orelhas, e também pudemos trabalhar jardinagem, colhendo algumas cenouras da horta, proporcionando assim uma conexão das crianças com a terra e a natureza, como podemos ver nas seguintes imagens:

Figura 8 - Fazendo arte no ovo.



Foto: Thaís Leite

Figura 9 - Colheita das cenouras



Foto: Danielle Coelho

5.4.3 Das Percepções

Com estas vivências pudemos perceber a importância do conto de fadas para o auxílio da compreensão das crianças sobre o que estes símbolos representam. Não levamos nenhuma história referente ao coelho e aos ovos, apenas tentamos passar a ideia de seus símbolos nos momentos das atividades e das brincadeiras, mas vimos que não havia uma real compreensão de seu valor. Ainda estava enraizada nelas, mesmo sendo tão jovens a ideia superficial do coelho, como animal que traz os ovos de chocolate e apenas isso. Se tivéssemos recorrido a algum conto referente a estes símbolos, talvez a compreensão por parte das crianças se apresentasse de forma mais profunda.

Concluímos também que, estes símbolos em especial, para uma melhor compreensão da parte das crianças, deveriam ser trabalhados paralelamente com os pais, pois os familiares, carregando apenas a visão exterior do que realmente representam sem nem ter o questionamento de porque o coelho e porque o ovo, acabam dificultando a apreensão e o entendimento das crianças com relação à simbologia destes elementos.

5.5 A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA

Tivemos uma semana de vivências com canções e lendas indígenas. Aproveitamos que estávamos na semana do índio e trouxemos às crianças um pouco desta realidade que está na ancestralidade do Brasil. Nos permitimos então sair do universo dos contos de fadas para buscar esse elemento cultural, tomando o devido cuidado para identificar e escolher as histórias arquetípicas mantendo assim esta linha de pesquisa. Dentre os contos e cantos vivenciados, aquele que teve maior repercussão foi “A Lenda da Vitória Régia”, uma lenda brasileira de origem indígena tupi-guarani:

A Lenda da Vitória-Régia

Naiá era uma índia sonhadora. Toda noite contemplava o céu estrelado e se encantava com Jaci. Com seu intenso brilho, Jaci iluminava a aldeia e Naiá não se cansava de admirá-la. Certa noite, a indiazinha resolveu subir na árvore mais alta da mata para poder abraçar Jaci. Acreditava que assim se transformaria numa estrela e para sempre estaria no céu, ao lado da lua. Mas não conseguiu. No dia seguinte teve outra ideia:

- Esta noite subirei na montanha mais alta e então alcançarei Jaci – Pensou a menina.

Mas também não conseguiu. Triste, Naiá caminhava perto de um igarapé quando viu a lua refletida em suas límpidas águas.

- Jaci; não alcancei o céu, mas você veio ao meu encontro, que alegria!

- Dizendo isso, Naiá, imediatamente, mergulhou para tentar abraçar o reflexo da lua, mas não sabia nadar...

Jaci, observando tudo lá de cima, chorou comovida e transformou a menina numa linda flor branca. Parecida com uma estrela, a flor se abre todas as noites e se fecha ao amanhecer. É a flor da vitória régia, planta de uma única folha, que toda noite recebe a luz de Jaci. (BELLINGHAUSEN, 2011, p. 4)

5.5.1 Da Simbologia

De uma forma sutil, este conto traz a mesma simbologia do conto da lagarta e da representação simbólica do coelho e dos ovos. Traz-nos a mesma mensagem da páscoa, de introspecção, mergulho no interior para, a partir daí, vir à transformação, o desabrochar. A morte e o renascimento. Revela-nos também a conexão da personagem

com a lua, que é algo muito presente, na cultura indígena, onde antes do contato com o homem branco, ainda viviam completamente na floresta, em harmonia, respeito e integração com os elementos da natureza.

5.5.2 Da Contação

Optamos por contar esta história juntos à natureza, na grama, bem perto da terra. Todos juntos, saímos em busca de materiais da natureza que pudessem ajudar a compor nosso cenário. Penas, sementes, galhos secos, flores, tudo o que encontrávamos no jardim servia-nos de elemento. Todo esse processo de busca de materiais, já fazia parte da conexão com o conto e com sua mensagem de harmonia com a natureza. As crianças se empolgavam bastante. Um cesto de palha virou uma oca. Uma folha seca transformou-se numa rede de dormir, como vemos na imagem abaixo. Numa das contações, com muito cuidado, acendemos com alguns galhinhos secos, uma mini fogueira para fazer parte da história.

Figura 10 - Teatro de objetos do conto *A lenda da vitória régia*.



Foto: Thaís Leite

Além do teatro no gramado com os elementos da natureza, experimentamos também teatro de sombras. Recortamos em papel os personagens da história e para produzir a luz e sombra, acendemos uma vela, como podemos ver na imagem logo abaixo. Com esta forma em especial, percebemos que o lúdico e o imaginário foram bastante trabalhados. As crianças se encantavam com as sombras que surgiam. É importante ressaltar que quanto mais simples e sutil os objetos da história contada, maior abertura há para a criação imaginativa da parte das crianças. E com o teatro de sombras onde não há cores, nem luzes essa possibilidade se multiplica.

Figura 11 - Teatro de sombras do conto *A Lenda da Vitória Régia*.



Foto: Danielle Coelho

5.5.3 Das Vivências

Repetimos por uma semana a mesma lenda e no final sempre fazíamos pinturas faciais com urucum e colocávamos uma faixa na cabeça com uma pena em cada criança. Também experimentávamos pinturas com giz de cera e aquarela, como vemos na imagem doze abaixo, além de criar brincadeiras com canções relacionadas aos índios. Todas essas vivências propiciavam o prolongamento do conto dentro da criança, e tudo o que ela propunha tinha relação com a história ouvida. Nos momentos após o teatro de sombras, o maior interesse delas era o de experimentar esta forma artística, então prolongavam o resto das suas vivências da tarde em frente ao tecido e a vela, representando à sua forma a história ouvida, como nos mostra a imagem treze:

Figura 12 - Vivência com aquarela referente ao conto *A Lenda da Vitória Régia*.



Foto: Thaís Leite

Figura 13 - Experimentando o teatro de sombras do conto *A Lenda da Vitória Régia*.

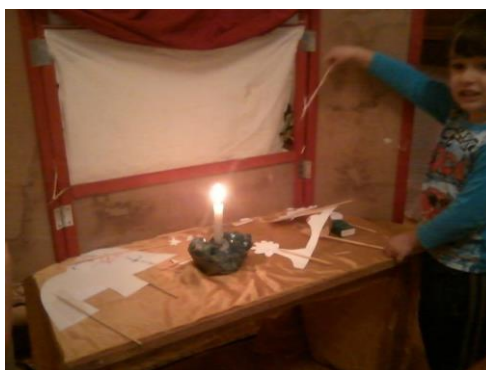


Foto: Danielle Coelho

5.5.4 Das Percepções

Ao levar este conto às crianças, proporcionamos que elas se conectassem mais uma vez com esta mensagem de introspecção a qual nos sugere a época da páscoa. Paralelamente a isso, propiciamos a elas uma parcela de conhecimento da cultura dos povos indígenas, suas lendas, sua língua, sua conexão com a natureza e o respeito e harmonia com que viviam essas etnias, como guardiões da vida na terra. Percebemos que a ética e o respeito em relação a elementos como o fogo, a água, a lua e as árvores, aqui foram plasmados, quando víamos em suas vivências as crianças reproduzindo o amor que a índia da história tinha pela natureza.

5.6 O REI FELIZ

Certo momento, percebemos um comportamento um pouco agressivo em um dos meninos. Em suas brincadeiras ele começou a empurrar os amigos, desarrumar toda a sala, e estragar as brincadeiras dos colegas desmanchando seus castelos, ou pegando seus brinquedos. Conversávamos com ele explicando que não era legal que ele agisse daquela forma, mas vimos que ele ainda não nos compreendia, então procuramos um conto que poderia nos ajudar a resolver essa situação. O conto escolhido foi '*O rei Feliz*'.

Era uma vez um rei muito feliz que vivia num belo palácio com a sua rainha e a linda filhinha princesa. Todos os que trabalhavam para o rei eram muito bem tratados e gostavam do seu emprego. O jardim era cheio de flores e árvores frutíferas. No meio dele jorrava uma fonte cuja água borbulhava como se estivesse rindo e era só ouvir aquele barulhinho, que a gente sorria e esquecia todas as mágoas. Certo dia, porém, eis que apareceram uns gigantes

vindos da floresta em direção ao palácio. Pareciam bravos e iam arrancando árvores que atrapalhavam seu caminho. O rei, assustado, chamou a sua família e os seus criados, e juntos saíram rapidinho pela porta dos fundos, correram pelo vale, subiram a montanha e pediram hospedagem numa fazenda.

Toda a felicidade se fora. O rei ia todos os dias sentar num murinho para observar o seu palácio. Um dia viu os gigantes jogando as cadeiras, que eram muito pequenas para suas bundas enormes, pelas janelas. Outro dia, um dos gigantes sentou-se na fonte e quebrou a ponta de onde jorrava a água, que assim se calou. E então o rei pensou em pedir ajuda.

Mandou mensageiros a todos os recantos do país, dizendo que quem fosse capaz de expulsar os gigantes de seu palácio, seria recompensado com a mão da princesa. Logo começaram a vir os jovens heróis, guerreiros, em cavalos ferozes, dispostos a vencer esta aventura. Mas cada cavaleiro que se acercava do palácio era colhido da sua sela, como se fosse uma frutinha pela mão de um gigante, e jogado no riacho.

Molhados e desapontados, pediam desculpas ao rei e iam embora.

Então o rei chamou os sábios e feiticeiros. Ah, estes foram chegando, montados em burros ou carregados em liteiras. Com suas longas vestes e rostos sérios foram falar com o rei prometendo que iriam afastar os gigantes do palácio.

Desceram o morro e postaram no pátio do palácio. O mais velho deles teve a honra de ser o primeiro a tentar. Tirou um giz do bolso e começou a riscar um círculo mágico no chão a sua volta para depois começar a dizer as palavras feitiçeras. Mas mal começou a falar, uma boca gigante soprou pela janela e as vestimentas do velho foram pegadas pelo vento e ele, jogado ao ar, caindo numa árvore onde ficou pendurado por sua capa. E assim foi com cada um deles, apenas tinham feito seu círculo de giz, a boca gigante soprava e lá iam eles como pássaros mancos, ficar presos nos galhos. Com o orgulho ferido, subiram o morro, apoiando-se uns nos outros, e se despediram do rei, dizendo que não havia jeito de acabar com os gigantes.

O rei, sentado no seu murinho, estava desolado e lágrimas corriam por sua face.

Nisso chegou um moço, caminhando pela estrada, assobiando uma canção e parou estupefato, ao ver o rei chorando.

- Senhor que lhe acontece para estar assim?

- Ah, meu jovem, vê aquele palácio no vale? Era o lugar mais feliz do mundo, até que gigantes malvados se apoderaram dele, e nunca mais poderemos voltar lá. Guerreiros corajosos e feiticeiros sábios não conseguiram vencer os gigantes.

- Senhor, pois eu posso ajudar. Tenho uma ideia e se todos fizerem o que eu disser, afastaremos os gigantes de lá.

- Diga o que devemos fazer então!

- Todos, mas todos mesmo, deverão começar a rir, dançar e cantar

O rei pediu a sua esposa, a sua filhinha e a todos os criados a mostrar a alegria, e mesmo que lhe fosse difícil, o rei saiu na frente, cantando e dançando. Depois de algum tempo percebeu que nem era tão difícil assim, ficava cada vez mais fácil ser feliz.

A tardezinha deram uma espiada vale abaixo, e qual não foi a sua surpresa ao ver que os gigantes tinham diminuído de tamanho! O rei exclamou: Mas parece que nem são tão grandes assim! Tenho que ver isso de perto!

E cantando e dançando foi descendo se acercando do palácio, e todos foram juntos. Chagando mais perto, os gigantes pareciam ter o tamanho normal de seres humanos e quando atravessaram o riacho e olharam por cima do muro, viram que os gigantes haviam encolhido mais ainda, pareciam anões de jardim! Aí sim que o rei, a rainha, a princesa e todos que estavam lá com eles, começaram a dar gargalhadas. Os gigantes já pareciam besouros de tão pequeninos, e o rei pediu à princesa que fosse buscar uma vassoura e uma pazinha para varrê-los. Quando a princesa voltou com as coisas, os gigantes tinham virado pó que foi levado pelo vento.

Que alegria ao entrar no castelo, e todos ajudaram a arrumar a bagunça, refazer o jardim, consertar a fonte e quando tudo ficou pronto, festejaram um belo de um casamento.

E desde então, sempre que alguém faz uma cara séria demais, o rei vai falar com ele:

-Olha, cuidado, viu, é melhor que você ria e cante um pouquinho, senão, quem sabe, tem um gigante morando debaixo de uma unha no seu pé e começa a crescer novamente... (BEMMANN, 1988)

5.6.1 Da Simbologia

Os gigantes representam claramente o arquétipo da ‘força destruidora’ que naqueles dias estava tomando conta daquele menino. O conto mostra que agindo daquela forma, toda a harmonia, alegria, felicidade que havia no reino foi-se embora. Exatamente o que estava começando a acontecer no espaço com as crianças. Esta força é natural a todos nós seres humanos, mas as crianças ainda estão começando a conhecê-las, ainda não sabendo como dominá-las. Referente a isto, Bettelheim traz a seguinte afirmação:

Ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. O mal não é isento de atrações - simbolizado pelo poderoso gigante ou dragão, o poder da bruxa, a astuta rainha na "Branca de Neve" - e com frequência se encontra temporariamente vitorioso. (BETTELHEIM, 2003, p. 15)

O gigante da história, representando o mal, esteve por alguns dias, vitorioso onde tomava conta do reino e o destruía completamente. Quando a situação de desesperança chegou a seu ápice, eis que surgiu um moço cantando e dançando e espalhando alegria, a qual contagiando a todos, foi desestruturando a força do gigante que dominava. Deveria ser este o movimento interior do menino. Trazer alegria e boas ações para assim, espantar os “gigantes interiores” que estavam causando a desarmonia.

5.6.2 Da Contação

Para contar a história fizemos um cenário de mesa utilizando brinquedos, sementes, cristais, blocos de madeira e tecidos, como podemos ver na imagem quatorze. Enquanto uma monitora montava o cenário, a outra ficava com as crianças no jardim, pois o comportamento do colega não permitia que arrumássemos a mesa, sem que antes de finalizada, já estivesse bagunçada por ele. Usávamos os bonecos sem expressão como personagens, e então fazíamos um teatro de animação com objetos e bonecos. No final do conto, no momento em que todo o reino começava a cantar e dançar, cada criança pegava um boneco e todos faziam a festa juntos com a contadora de história. Muitas vezes as crianças até se levantavam para cantar e dançar também. Até pegávamos as vassourinhas para “varrer os gigantes” juntos.

Figura 14 - Teatro de mesa do conto *O Rei Feliz*



Foto: Danielle Coelho.

5.6.3 Das Vivências Artísticas

Sempre após a história deixávamos o cenário montado para que as crianças pudessem experimentar e reproduzir a história à sua maneira, como podemos ver na imagem quinze. O conto era por elas, inúmeras vezes, recriado e misturado com outros que já haviam sido vivenciados. Respeitávamos suas criações e brincadeiras, pois concordamos com Bettelheim quando ele diz que quanto mais a criança se distanciar do conteúdo de seu inconsciente e vê-lo como algo exterior a ela, maior domínio terá sobre ele (2003, p. 71), portanto todas as criações espontâneas de brincadeiras e atividades relacionadas ao conto, ajudariam o menino a colocar ordem em sua ‘casa interior’ e dominar os gigantes que o estavam importunando. Também disponibilizamos aquarela e fizemos um gorro -imagem dezesseis- para cada criança, o qual elas usavam como fantasia para representar os gigantes.

Figura 15 - Crianças experimentando teatro de bonecos e objetos do conto *O Rei Feliz*.



Foto: Danielle Coelho.

Figura 16 - Gorros produzidos para as vivências do conto *O Rei Feliz*.



Foto: Thaís Leite

5.6.4 Das Percepções

Nos primeiros dias da vivência do conto percebemos que o “gigante interior” do menino estava temporariamente vitorioso. A criança não conseguia dominar aquela força dentro de si mesmo. Todos os colegas já estavam irritados com a situação ‘destruidora’ que o amigo estava ancorando em suas vivências, muitos já estavam até com medo dele. A situação se prolongou durante alguns dias, percebíamos que ele não gostaria mais de agir daquela forma, que ficava espantado quando percebia o que havia feito, mas ele mesmo não conseguia encontrar a solução para que aquilo parasse. Contamos durante vários dias seguidos o mesmo conto, e aos poucos fomos vendo algumas mudanças, como se ele começasse a perceber que aquilo iria se repetir antes de agir pelo impulso. A história traz a solução em seu desfecho, mostra que simplesmente agindo com alegria, riso, canto e dança, os gigantes (que representam a irritação do nosso colega) diminuía de tamanho. Então quando víamos que aquela situação poderia começar a acontecer, nós começávamos uma festa com canções, risos, danças, cócegas; e toda essa alegria dissipava a energia destruidora.

Como afirma Bettelheim, para uma criança, a ação toma lugar da compreensão. “[...] Para elas as pessoas não choram porque estão tristes: elas simplesmente choram. As pessoas não machucam, destroem, ou param de falar porque estão zangadas; apenas fazem estas coisas. (2003, p.40)” E para esse nosso colega, da mesma forma, ele simplesmente seguia o impulso que estava sentindo. O conto proporcionou que ele se identificasse e percebesse a semelhança com suas atitudes, e, em suas brincadeiras, se distanciasse de seus sentimentos devastadores, representando-os em bonecos e etc. Assim, o conto o auxiliou a ordenar e ter domínio sobre aqueles impulsos, aprendendo a transmutá-los em alegria com danças e cantos e a respeitar seus colegas e toda a harmonia do nosso espaço de vivências.

6 CONCLUSÃO

A educação busca, em sua essência, levar às crianças os valores éticos de relação com o próximo e com a natureza, como o respeito, amorosidade, aceitação, coletividade etc. Podemos utilizar as histórias, lendas, fábulas e mitos arquetípicos como um acessório para trazer compreensão da lei ética às crianças. Por terem sua raiz no inconsciente coletivo, estas histórias arquetípicas, oriundas também dessa fonte de símbolos comuns, são de grande valor para trazer o conhecimento e compreensão da lei ética sobre a qual nos fala Benjamim. Os contos de fadas, porém, por terem uma simbologia muito simples, como descrito no capítulo quatro, são as melhores histórias para auxiliarem as crianças neste processo de compreensão da ética.

A criança vive num estado onírico, onde a fantasia e o mundo exterior conversam. Sua psique reconhece, ainda que inconscientemente, os feitos heroicos dos contos, como vitórias de natureza psicológica e não de natureza física. Graças à absorção do conto de fadas, uma mudança é ocorrida no interior da criança, e o mundo exterior é visto como se houvesse sofrido uma transformação. Portanto o conto de fadas; assim como os mitos e lendas; somados com as vivências artísticas, teatrais e o brincar, agem no inconsciente infantil, ajudando a construir a forma ética de se perceber e vivenciar o mundo.

Os símbolos dos contos de fadas não podem ser ordenados e fabricados, como ressalta Campbell:

O prodígio reside no fato de a eficácia característica, no sentido de tocar e inspirar profundos centros criativos, estar manifesta no mais despretenso conto de fadas narrado para fazer a criança dormir - da mesma forma como o sabor do oceano se manifesta numa gota ou todo o mistério da vida num ovo de pulga. Pois os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte. (CAMPBELL, 1997, p.6)

Da mesma forma, as experiências das crianças relacionadas aos contos não podem ser pré-estabelecidas pelo contador de histórias tendo em vista que toda a absorção da mensagem ética do conto trará uma produção criativa espontânea surgida da psique de cada criança, que representará à sua forma seus símbolos arquetípicos. Portanto, apresentar um conto de fadas arquetípico à criança diariamente e deixar que ela viva à sua maneira esta história, seja com teatro de bonecos, representação com fantasias, brincadeiras, pinturas, cantos, etc. é a melhor forma de possibilitar uma melhor captação da mensagem simbólica do conto pelo fato de sua criatividade e

imaginação trabalhem mais livremente na representação de seus símbolos. A utilização de vivências teatrais relacionadas a estes contos é muito bem aproveitável, se utilizada de forma livre, compreendendo que brincar é representar dramaticamente esta ou aquela realidade. Assim como enfatiza Lemos “A criança dramatiza por prazer, desde os primeiros anos, logo que toma consciência do meio e consegue traduzir experiências e sentimentos em sons e palavras”. (LEMOS, 1968, p. 1)

Pudemos perceber que levar o teatro para a educação infantil é mais simples do que se imagina. Sem grandes propostas, apenas uma história, um material natural como tecidos, semente, madeira, bonecos, etc. e o tempo destinado avivencia após o conto já é suficiente. Toda a criação da representação dramática virá da fonte interior de cada criança, desta forma, muitas possibilidades são plausíveis, é só permitir que elas deixem sua imaginação fluir.

Portanto, concluímos que os contos de fadas são de extrema importância tanto no auxílio as resoluções das crises das crianças com seus colegas, quanto no aspecto de colocar a criança em contato com a época do ano, estações, etc. Tendo em vista que apresentam simbologia arquetípica como os mitos, fabulas, lendas etc., mas que contém material arquetípico muito mais simples e sucinto, perfeito para a linguagem da criança, nesta idade específica de três à sete anos. É primordial, também, que o contador esteja consciente das mensagens do conto que está passando a elas, que seus símbolos estejam bem compreendidos por ele, para que assim possa transmitir esses valores às crianças. E que o teatro, a representação espontânea e toda a manifestação artística reproduzida no brincar, proporciona maior absorção da mensagem do conto às crianças. Com estas vivências, a criança pode encontrar um grande acessório na compreensão do mundo e de si, auxiliando, desta forma, em sua educação e em tudo o que abarca sua relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança.

REFERÊNCIAS

- ASBECK, Edith. **Tempo de Festas**. São Paulo: Grupo de Apoio ao Ensino Religioso Cristão Livre nas Escolas Waldorf e Comunidade de Cristãos de São Paulo, 2011.
- BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **Histórias Encantadas Indígenas**. Belo Horizonte: RHJ, 2011.
- BEMMANN, Hans. **Stein und Flote**. Londres: Penguin Books, 1988. [Traduzido e recontado por Karin Ulex].
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BRASIL. Ministério de Educação e Deporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília. 1998.v2.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- CARNEIRO, Graça. **Boi de Mamão**. 3.ed. Florianópolis: Papa-Livro, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Trad. Dora Marianna R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAPOUGE, Gilles. **O Mistério dos principais símbolos da Páscoa**. In: festascristas. Disponível em: <<http://www.festascristas.com.br/pascoa/pascoa-textos-diversos/532-o-misterio-dos-principais-simbolos-da-pascoa-gilles-lapouge>> Acesso em: 17 out. 2014.
- LE MOS, Lucia de. **Dramatização na escola primária**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S. A., 1968.
- MANZANO, Elisa. Ciranda da Lagarta. In: MANZANO, Elisa. **Cantar o Mundo: Músicas e poesias para o ano todo**. São Paulo: Estúdio Frequência Rara, 2005. 1 CD. Faixa 8,9,10,11 e 12.
- NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL – UFSC. CD Boi-de-Mamão. In: youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SkUazTZEYSI>> Acesso em: 28 out. 2014.
- PASSERINI, Sueli Pecci. **O Fio de Ariadne**. São Paulo: Antroposofica, 1998.

STEINER, Rudolf. **Reflexões sobre a Comemoração da Páscoa.** In: festascristas. Disponível em: <<http://www.festascristas.com.br/pascoa/pascoa-textos-diversos/666-reflexoes-sobre-a-comemoracao-da-pascoa>> Acesso em: 24 out. 2014.

VON FRANZ, Marie Louise. **A Interpretação dos Contos de Fadas.** Trad. Mari Elci Spaccaquerche. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2003.